

Ópera

PARQUE
MAYER

Teatro Variedades



PIGMALIÃO

ÓPERA CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA

Produção Plataforma Cultural	Coro Grupo Vocal Arsis Alexandra Almeida, Alexandrina Leal, Ana Jacobety, Ana Sacramento, António Morgado*, António Rocha*, Dina Oliveira*, Fernando Alves, Helena Pinto Janeiro*, Isabel Almeida, Joana Proença, Jorge Afonso Paulo, Manuel João Martins, Manuel Serpa Branco, Margarida Madeira*, Maria Clara Assunção, Maria da Luz França, Maria Luísa Lima, Maria Luísa Nogueira, Mário Jorge Ervilha, Miguel Monteiro*, Osvaldo de Sá, Paula Fonseca, Pedro Laginha, Rui Gonçalves, Sofia Isidoro*, Susana Carvalho*, Teresa Amaro, Teresa Huertas Parente, Teresa Travassos*, Vanda Freitas, José Manuel Sobral, Kina Yum, Leonor Proença (*membros Incognitus Ensemble)	Estratégia redes sociais Comunicare.pt – Mara Alves
Composição musical e som Gerson de Sousa Batista		Execução figurinos Natália Mil-Homens Pereira
Libreto original <i>Mane-Quim / Pig-Malião</i> de Tiago Schwäbl		Caracterização Eliseu Ferreira
Encenação e conceção plástica João Vieira Fino		Fotografia de cartaz Filipe Ferreira
Direção Musical e Maestro Gonçalo Santos		Vídeos Bárbara Medinas
Curadoria artística e direção coral António Lourenço Menezes		Design gráfico João Castro
Direção técnica e desenho de luz Paulo Santos		Cenografia digital Ateliê Comunitário na escola Play - Brincar para Crescer
Pigmalião (contratenor) António Lourenço Menezes		Operação legendagem Mariana Alves de Sousa
Manequim (soprano) Sara Afonso	Encomenda original FIO – Festival Informal de Ópera	Interpretação LGP Valentina Carvalho e Sandra Bragança
Ensemble Flauta: Martim Ricardo Clarinete: Sara Rocha Percussão: Francisco Cipriano Violino: Francisco Costa Viola d’arco: Camille Estêvão Violoncelo: Marta Nabeiro	Direção de produção João Figueiredo Dias	Agradecimentos Ana Mafalda Martins, Carla Portugal, Catarina Delgado, Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, Companhia PIA, Daniel Gorjão, Fátima Dias, Fátima Pato, Hotel Heritage Lisboa, Luís Frias, Luísa Santana, Marta Esteves, Milu Ferreira - Espaço Arte Livre, Natacha Filipe, Restaurante Gina, Sara Garrinhas, Vera Claro
	Assistente de produção Telma Lira	
	Assessoria de imprensa Show Buzz	
	Assessoria de relações institucionais Fernanda Dias	

PIGMALIÃO

Num futuro devastado onde Pigmaliões caçam e devo-ram Manequins errantes, um sucateiro encontra uma figura silenciosa que desafia a ordem estabelecida.

Desse encontro nasce uma história de amor impos-sível que coloca frente a frente violência, beleza e liberda-de, numa viagem onde ópera, eletrónica e teatro visual se fundem para reinventar o mito de Pigmalião num universo distópico profundamente contemporâneo.

Porque, num futuro onde tudo pode ser consumido, amar é o último ato de resistência.

Datas
17 a 20 de setembro de 2026
quinta a sábado, 21h
domingo, 16h

Classificação etária
M/12

Duração
65 minutos

Acessibilidade
Sessões com audiodescrição
19 e 20 de setembro

O reconhecimento de palco acontece uma hora antes do início da sessão.

Sessão com LGP
20 de setembro

Todas as sessões têm legendagem em português.

PRODUÇÃO

PLATAFORMA CULTURAL

COPRODUÇÃO/MEDIA PARTNER

RTPRádio e Televisão de Portugal

APOIO

“(…) É UMA PARTITURA
MARCADA POR
UM AMBIENTE (…)
SOMBRIO, NOSTÁLGICO,
MELANCÓLICO E,
POR VEZES, QUASE
ASSOMBROSO.”

Génese do projeto e o encontro entre a componente musical e a componente cénica

A primeira semente de PIGMALIÃO surgiu quando soube que o FIO (Festival Informal de Ópera) tinha lançado uma *call* para selecionar um compositor que criasse uma nova ópera de raiz para integrar a programação do festival em Loulé. Candidatei-me e tive a felicidade de ser o compositor selecionado.

Poucos dias depois, numa sessão de *brainstorming* com o Tiago Schwäbl (libretista), partilhei uma ideia que vinha a desenvolver para um projeto de teatro multimédia, passado num universo distópico pós-apocalíptico, onde o palco seria habitado por manequins e estátuas, deixando apenas uma figura humana "sozinha" no meio daqueles corpos.

Mais tarde, quando chegou o momento de pensar a encenação, convidei imediatamente o João Fino. Para além de já termos trabalhado juntos, sempre admirei o seu forte sentido estético e a forma como constrói imagens cénicas.

O universo distópico da ópera e a leitura contemporânea do mito de Pigmalião

A composição musical foi uma aventura intensa e profundamente estimulante. Este universo mitológico, cruzado com uma visão pós-apocalíptica, permitiu-me explorar atmosferas e paisagens sonoras que nunca antes tinha experimentado.

De forma muito natural, fui construindo uma linguagem musical onde se cruzam luz e escuridão, amor e medo, bem e mal, adulto e criança. Dessa tensão nasceu uma das minhas criações mais ambiciosas, marcada por uma forte dimensão emocional e por ambientes sonoros profundamente contrastantes.

A relação entre ópera, eletrônica e teatro visual nesta produção

Antes de iniciar a composição de PIGMALIÃO, vinha de um conjunto de criações para espetáculos multimídia onde a música eletroacústica, em *tape* e em tempo real, era um elemento recorrente. Por isso, a integração da eletrônica nesta ópera surgiu de forma muito natural.

Para esta nova versão, apresentada no Teatro Variedades, aprofundámos essa linguagem através de novos recursos eletrônicos e eletroacústicos, estabelecendo um diálogo entre a tradição operática e os novos media contemporâneos.

O processo de trabalho conjunto entre os vários elementos da equipa artística

Desde o início existiu entre todos uma relação criativa assente na confiança, na partilha e no diálogo permanente. Esse espírito começou na primeira versão apresentada em Loulé e manteve-se ao longo de todo o desenvolvimento do projeto.

Essa constante troca de ideias fez de PIGMALIÃO uma criação verdadeiramente coletiva, onde compositor, encenador, equipa artística, técnica e produção contribuíram para uma obra construída por diferentes sensibilidades.

Inspirações e referências

As primeiras inspirações nasceram da imagem de um espetáculo de teatro multimédia habitado por uma multidão de manequins e um elenco reduzido, num universo simultaneamente inquietante e poético. A partir dessa ideia, o projeto encontrou no mito de Pigmalião a narrativa ideal.

Do ponto de vista musical, foi uma das composições que mais naturalmente surgiu ao longo do meu percurso. O resultado é uma partitura marcada por um ambiente simultaneamente sombrio, nostálgico, melancólico e, por vezes, quase assombroso.

A união entre música erudita e eletrônica

Uma das grandes características de PIGMALIÃO reside no diálogo entre a tradição da música erudita e as possibilidades expressivas da eletrônica.

Nunca procurei que estas duas linguagens coexistissem apenas como contraste. O objetivo foi fazê-las comunicar entre si, fundindo-se numa única identidade sonora. Tal como o protagonista reconstrói o seu mundo a partir de fragmentos esquecidos, também a linguagem musical da obra nasce do encontro entre universos aparentemente distantes, demonstrando que tradição e inovação podem dialogar de forma natural e aproximar a ópera de novos públicos.

“UMA ÓPERA QUE PROCURA DESMONTAR FRONTEIRAS, APROXIMAR PESSOAS (...)”

— João Vieira Fino

Desde a sua génese, *Pigmalião* foi concebida como uma obra de encontro: entre linguagens artísticas, entre diferentes públicos e entre formas distintas de experienciar a criação. A inclusão da Língua Gestual Portuguesa e a colaboração criativa com crianças não surgem como elementos acessórios ou meramente programáticos; constituem, antes, princípios estruturantes de uma visão artística que procura tornar a ópera um espaço verdadeiramente partilhado.

A dimensão visual da encenação desempenha, neste contexto, um papel fundamental. A construção de uma imagética forte, poética e profundamente simbólica procura estabelecer uma ponte entre o universo da ópera e um público que, muitas vezes, a encara como uma linguagem distante. Persistem ainda preconceitos que associam este género artístico à solenidade, ao excesso ou a uma expressão reservada a uma elite cultural. *Pigmalião* propõe precisamente o contrário: uma experiência sensorial e emocional onde a imagem, o gesto, a música e a palavra dialogam de forma acessível, sem nunca abdicar da sua complexidade artística.

Esta aproximação acontece de forma orgânica. Nenhum de nós, criadores, parte de um único território disciplinar; pelo contrário, as nossas referências atravessam a música, o teatro, as artes visuais, o cinema e a cultura contemporânea. A própria partitura do revela essa vocação agregadora. Embora profundamente coerente na sua identidade musical, apresenta uma sucessão de temas com atmosferas muito distintas, quase como canções que acompanham cada momento dramático. Essa diversidade emocional aproxima a obra de uma escuta intuitiva, convidando o público a estabelecer uma relação imediata com a narrativa.

Foi igualmente desta vontade de criar pontes que nasceu o trabalho desenvolvido com um grupo de crianças entre os três e os cinco anos de idade. Enquanto “atelierista” numa escola de Vila Nova de Gaia, reconheço neste projeto uma oportunidade para integrar o universo da criação artística no quotidiano das crianças, não como um exercício pedagógico, mas como um verdadeiro processo colaborativo.

A partir da música, de breves referências à história de *Pigmalião* e de alguns elementos cénicos utilizados nas

primeiras versões do espetáculo, as crianças foram convidadas a imaginar o seu próprio universo visual. Experimentaram máscaras, manipularam fragmentos de manequins, desenharam personagens e cenários e descobriram as possibilidades expressivas do teatro de sombras. O meu papel foi apenas o de disponibilizar materiais, criar condições para a experimentação e registar, através da imagem, os mundos que espontaneamente iam surgindo.

O resultado revelou uma liberdade criativa desarmante. Durante quase dois meses, estas crianças desenvolveram um trabalho de grande concentração, curiosidade e envolvimento, demonstrando que a imaginação não reconhece fronteiras entre o chamado universo erudito e a criação infantil. Apropriaram-se naturalmente da música, cantaram fragmentos da partitura, compreenderam intuitivamente a narrativa e ofereceram soluções cénicas marcadas por uma inventividade que dificilmente poderia ser reproduzida através de um processo exclusivamente adulto.

Mais do que um exercício de participação, esta colaboração representa um convite à construção de novos públicos. Não se trata de ensinar as crianças a gostar de ópera, mas de lhes permitir descobri-la através da experiência direta da criação, reconhecendo nelas não apenas futuros espectadores, mas também criadores capazes de transformar o próprio objeto artístico.

A presença da Língua Gestual Portuguesa reforça esta mesma visão. Para além da sua dimensão inclusiva, a linguagem gestual integra-se na dramaturgia como uma extensão da própria expressividade cénica, ampliando a comunicação entre intérpretes e público e acrescentando novas camadas de significado ao espetáculo.

Pigmalião afirma-se como uma obra onde a criação acontece no cruzamento de diferentes sensibilidades, gerações e formas de linguagem. Uma ópera que procura desmontar fronteiras, aproximar pessoas e recordar que a arte se torna verdadeiramente universal quando é capaz de acolher múltiplos olhares, múltiplas vozes e múltiplas formas de sentir.





UM PROJETO QUE LIGA CULTURA, COMUNIDADE E SUSTENTABILIDADE

A apresentação de PIGMALIÃO no Teatro Variedades assinala um momento particularmente simbólico para a criação contemporânea portuguesa, tornando-se a primeira ópera contemporânea levada à cena neste emblemático teatro. Mais do que uma estreia, representa o encontro entre património e inovação, demonstrando que a tradição pode continuar a reinventar-se através de novas linguagens artísticas.

Esta visão prolonga-se para além do palco através da parceria estabelecida com o Electrão, que reconheceu na missão de PIGMALIÃO uma afinidade natural com a sua própria: se, na ópera, a reconstrução transforma fragmentos esquecidos em novas possibilidades de vida, também o Electrão promove a valorização daquilo que a sociedade descarta. Desta convergência nasce uma instalação artística, patente entre o Teatro Variedades e o Capitólio, de 17 de setembro a 14 de outubro, que convida o público a refletir sobre sustentabilidade, economia circular e o poder transformador da criação artística, estabelecendo uma ponte entre a estreia do espetáculo e o Dia Internacional dos Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrónicos (REEE). Através da cultura, esta colaboração demonstra como a arte pode ser também um instrumento de sensibilização ambiental.

— João Figueiredo Dias, fundador da Plataforma Cultural

Plataforma Cultural

A Plataforma Cultural é uma associação cultural sem fins lucrativos, que reúne uma equipa multidisciplinar com vasta experiência nas áreas da criação, produção e programação artística. Nasce da convicção de que a cultura pode aproximar pessoas, promover a inclusão, fortalecer comunidades e criar pontes entre artistas, instituições, empresas e entidades culturais, desenvolvendo projetos onde a excelência artística se alia ao impacto social.

Assente nos valores da inovação, da acessibilidade e da participação, a Plataforma Cultural aposta em processos colaborativos que cruzam diferentes linguagens artísticas, envolvendo novos públicos e promovendo sinergias entre os diversos agentes da sociedade através da cultura.

PIGMALIÃO é a sua primeira produção e representa o manifesto desta visão: uma forma de pensar, criar e viver a cultura, onde a colaboração, a comunidade, a inclusão e a criatividade se transformam em projetos com impacto artístico, social e humano.

Teatro Variedades

&

Capitório

Direção
Filipe Silva
Joaquim René

Adjunta de direção
Ana Barbosa

Direção de Comunicação
Rita Rodrigues

Direção de Produção
Bruno Reis

Direção Técnica e de Cena
João Moreira

**Adjuntos para Direção
Técnica e de Cena**
Carlos La Rua
Rita Benito Monteiro

Comunicação
Margarida Rocha Oliveira
Mónica Martins

Produção
Tiago Antunes
Tiago Oliveira

**Gestão de bilheteiras
e de públicos**
Sérgio Guimarães

Gestão de Públicos
Ana Sofia Fernandes
Joana Dias
Téo Pitella

Bilheteira
Beatriz Lopes
Sara Martins
Miguel Lopes

Guarda-Roupa
Inês Oliveira

Cena
Diana Almeida
Eliana Lima
Madalena Venâncio
Sara Cipriano

Luz/Palco
Bento Silva
Bruno Bacanhim
Daniel Polho
Hugo Cochat
Saulo Santos

Som/Vídeo
André Cavalheiro
Manuel Reis
Tomás Bonito

Manutenção e Segurança
Pedro Santos

Design
V-A Studio

Fotografia
Filipe Ferreira e José Frade

Vídeo
Duarte Lapa

Bilheteira

Horário: segunda a sábado
das 17h às 20h e domingo
das 13h às 16h

Em dias de espetáculo permanece
aberta até 30 minutos após o seu
início.

T. 210 523 631 / 210 523 632
bilheteira@teatrovariedades.pt
WhatsApp: 924 476 542

Como chegar

Metro: Linha Azul | Estação Avenida
Comboio: Linha Sintra e Linha
Azambuja | Estação Restauradores
Autocarros: 709, 711, 732, 736, 744,
207, 19B
Gira: Estação 304
(junto ao Cinema São Jorge)

Acessibilidade

Para mais informações sobre a
acessibilidade dos espaços, por
favor, contacte o Teatro Variedades:
info@teatrovariedades.pt

Contactos

Geral: T. 210 523 630
info@teatrovariedades.pt
www.teatrovariedades-capitolio.pt

Localização

Parque Mayer, 1250-164 Lisboa